

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

MARGARETH DE FÁTIMA GIMENEZ MARTINS

**APRENDENDO E ENSINANDO, A TRAJETÓRIA DE
UMA PROFESSORA**

CAMPINAS

2005

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

MARGARETH DE FÁTIMA GIMENEZ MARTINS

**APRENDENDO E ENSINANDO, A TRAJETÓRIA DE
UMA PROFESSORA**

Memorial apresentado ao Curso de Pedagogia – Programa Especial de Formação de Professores em Exercício nos Municípios da Região Metropolitana de Campinas, da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, como um dos pré-requisitos para conclusão da Licenciatura em Pedagogia.

CAMPINAS

2005

Dedico esse memorial a uma pessoa que não está mais aqui entre nós, mas em momento algum deixou de estar presente, pois está viva em minha memória, a você vovó Rosa.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer em primeiro lugar aos meus pais Armando e Leonilda, que apesar da pouca escolaridade que tiveram, sempre foram pessoas que incentivaram e valorizaram os estudos e seus profissionais. A minha formação é sem dúvida a maior herança que eles me deram.

Ao meu marido Roberto e a minha filha Lívia pela paciência, compreensão e apoio nos momentos difíceis, pelas horas em que não pude estar presente.

Aos meus irmãos pelo incentivo nessa nova caminhada. À minha cunhada Paula pelas aulas de história que me foram de muita utilidade.

Às minhas tias, tios, primos e primas que sem dúvida contribuíram para que eu tenha as melhores lembranças da minha infância e juventude.

Às minhas amigas de Topic, que durante esses anos compartilhamos nossas alegrias, ansiedades, tristezas e principalmente realizações.

Aos muitos mestres que deixaram suas marcas na minha história. Aos meus alunos, com quem aprendo e ensino, numa eterna troca.

Enfim a todas as pessoas que fazem parte ou já fizeram da minha vida, o meu muito obrigado.

TEMPO

Penso,
E assim começo a escrever,
em uma tarde cinzenta e fria.
Os medos e anseios de quem
espera.
Contando os segundos
Para ver o futuro.
Contudo, a insegurança me deixa
cega,
e não vejo que o futuro é agora
e o agora já passou.

Não consigo, então
Desligar-me do passado,
Pois vivo nele.
O mundo gira
E eu continuo aqui
Sem saber se estou vivendo
Ou esquecendo.

Enfim,
A vida me mostra que,
Esquecer é natural,
Mas viver é fundamental.

Lívia

Gimenez

Martins

(Está poesia é uma pequena contribuição de minha filha Lívia (14 anos), que ficava muito ansiosa por eu não ter ainda iniciado a escrita do meu memorial, enquanto minhas amigas já estavam praticamente no final. Agradeço a ela por ter enriquecido com certeza o presente memorial e a minha memória também)

RESUMO

Com este memorial pretendo fazer uma reflexão sobre a minha formação desde a minha infância até a faculdade.

Durante a escrita desta trajetória procurei elencar pontos da minha trajetória escolar, formação e vida profissional.

Pretendo com isso mostrar a importância da formação acadêmica na minha vida, como ela contribuiu para mudanças na minha prática docente.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	08
1 DE ALUNA A PROFESSORA, UM CAMINHO DE DESCOBERTAS.....	09
2 A OPORTUNIDADE DE RECOMEÇAR.....	14
3 A OPORTUNIDADE CONQUISTADA.....	16
4 NOVAS MANEIRAS DE COMPREENDER ANTIGAS LIÇÕES.....	18
5 EDUCAÇÃO INFANTIL: A PAIXÃO CONTINUA.....	25
6 EDUCAÇÃO INCLUSIVA: UM NOVO DESAFIO.....	30
CONCLUSÃO.....	34
REFERÊNCIAS.....	36

APRESENTAÇÃO

Quando trabalhamos com a memória Educacional, fazemos um tipo específico de História e, por meio delas, tentamos caracterizar as relações sociais existentes em uma determinada instituição ou as marcas deixadas por alguma experiência educativa, buscando relacionar as vivências dos professores com sua própria prática docente.

A partir das lembranças, acabamos refletindo sobre as questões significativas em nossas vidas, as influências positivas e negativas que permearam em nossa vida pessoal e profissional, e quais foram os nossos sentimentos quando passamos por essas experiências.

Desempenhamos vários papéis e em cada um deles, percorremos e refazemos caminhos. E, nessa caminhada, nós nos construímos pelas nossas histórias culturais, sociais e pessoais, reproduzindo, opondo-se e alterando modelos.

Assim, a produção das minhas memórias me possibilita entrar em contato com minhas lembranças mais profundas, buscando em objetos, fatos e pessoas que fizeram e que fazem parte da minha vida, redescobrir e refletir sobre o fazer e ser professor.

1 DE ALUNA A PROFESSORA, UM CAMINHO DE DESCOBERTAS.

Iniciei meus estudos em 1970, em São Bernardo do Campo, cidade para onde minha família havia se mudado no início do mesmo ano. Meus pais não tinham a intenção de me matricular na escola, pois eu só tinha 6 anos, mas quando meu pai foi fazer a matrícula da minha irmã mais velha, a diretora perguntou se haviam mais crianças em casa, com a resposta afirmativa, a diretora ofereceu uma vaga na pré-escola, que funcionava no mesmo prédio e assim, iniciei os meus estudos.

Havia apenas uma sala de aula, que era grande com mesinhas e com uma prateleira quadriculada onde guardávamos nossos materiais; o que mais me chamava atenção na sala, era o piano, pois apesar da escola ser Municipal estávamos em 1970 em pleno Regime Militar e na época do chamado “Milagre Brasileiro”, as grandes montadoras estavam localizadas no “ABC” (Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano) e aquelas cidades viviam um momento de enriquecimento. Voltando ao piano, minha professora tocava para nós, todos os dias, na hora da música e no descanso, ela era uma pessoa que possuía um conhecimento musical, pois tocava outros instrumentos, inclusive em nossa festa junina tocou sanfona para dançarmos.

As atividades desenvolvidas em sala de aula eram basicamente o desenho, pintura, recorte e a escrita voltada para a coordenação motora, pois tínhamos um caderno específico para o treino das letras do alfabeto. No final do ano letivo todos os alunos da pré-escola passavam por um teste aplicado pela diretora, onde nós tínhamos que fazer algumas atividades de coordenação motora.

Tenho certeza que os momentos vividos na pré-escola contribuíram positivamente para a minha decisão de escolher trabalhar com a Educação Infantil.

Nos anos que se seguiram, da 1ª até a 4ª série, não mais ouvíamos o piano, mas sim os hinos nacionais, que éramos obrigados a ouvir diariamente na hora da entrada, não que eu ache errado sabermos e cantarmos os hinos, mas a maneira obrigatória e a política que estava por trás dessa atividade.

Passei pelos próximos anos sem grandes atribulações, era uma boa aluna. Quando estava na terceira série nos mudamos novamente, agora para Santo André, cidade vizinha, mas a realidade da escola era muito diferente, o prédio era antigo e percebi que o nível de aprendizagem também era inferior, mas foi lá que permaneci até a 7ª série, foram anos em que tive que me adaptar aos novos professores e aos novos amigos..

Dessa época as lembranças mais divertidas são das festas comemorativas na escola, todas as séries participavam e os pais sempre estavam presentes, pois a diretora fazia questão. Essas apresentações eram cheias de danças, músicas e representações, havia muita competição entre as séries para ver quem se saía melhor.

No final da sétima série fomos avisados que as salas de oitava série seriam à noite, então tive que me transferir para outra escola, pois meus pais não permitiram que eu estudasse à noite.

No novo colégio minha adaptação foi muito difícil, pois tinha dificuldades de acompanhar os outros alunos e, principalmente me relacionar com os colegas da classe, em decorrência disso, fui reprovada no final do ano, foi muito difícil para mim, pois nunca havia sido reprovada antes e era considerada uma boa aluna, hoje compreendo que faltou um pouco de iniciativa para procurar ajuda e por outro lado um pouco de sensibilidade dos professores em compreender e tentar me ajudar.

Dessa passagem guardei duas lições, a primeira de como podem ser conflituosas e traumatizantes as mudanças de escola, e de como precisamos estar atentos às necessidades das crianças e adolescentes nesse momento. A segunda, é de como o apoio e a compreensão da família são importantes para superar essa fase.

No final do mesmo ano, mais uma mudança, retornamos para nossa cidade natal Itatiba, estávamos de volta depois de quase dez anos, era uma nova fase na minha vida.

Terminei o ginásio e ingressei no colégio, fiz a opção pelo magistério, pois era a chance de sair do colégio com uma profissão, confesso que eu mesma não tinha certeza de que queria ser professora.

Cursei os quatro anos no período diurno, no decorrer do curso não tive exatamente expectativa sobre a profissão, pois considerava que não levava muito “jeito” para ser professora.

Depois de formada, arrumei um emprego de recepcionista em uma firma da cidade, gostava do meu serviço, pois sou bem comunicativa e o emprego me dava oportunidade de conhecer muitas pessoas, mas com o decorrer dos anos fui me sentindo insatisfeita, estava faltando alguma coisa, foi nessa época que houve um concurso para professores de Educação Infantil. Inscrevi-me achando que não tinha chances para passar, pois estava muito desatualizada. Procurei ajuda com uma amiga que já estava estudando e ela me emprestou seus resumos para que pudesse estudar, por ironia acabei passando e ela não, mas decorridos alguns anos, ela tornou a prestar o concurso e foi aprovada. Hoje trabalhamos na mesma escola e cursamos juntas na mesma sala de aula o último semestre do curso de

Pedagogia. A ajuda que minha amiga Regina A. Novelli Pereira me deu naquela época estará marcada para sempre em minha memória.

Depois de aprovada demorei um ano para ser chamada para ingressar, isso aconteceu em fevereiro de 1990, não pensei duas vezes, pedi demissão do meu emprego e assumi uma classe na zona rural, foi uma experiência muito boa, apesar das dificuldades que enfrentei no começo, mas acredito que o desejo pela mudança me fez superar as dificuldades. Nesse mesmo ano um acontecimento mudaria por definitivo a minha vida, estava grávida da minha filha Lívia que nasceu no ano seguinte, e que é o maior tesouro que possuo.

Com o tempo fui me envolvendo nos projetos e atividades, nas particularidades de cada um, procurando alternativas, participando de cursos, experimentando novos métodos e técnicas, e tenho certeza que melhorei muito como professora.

No início não tinha muita dimensão da importância da minha postura como professora e da profissão, mas chegou um determinado momento da minha vida, que estava tão envolvida, que percebi não ter mais volta.

Nesse momento notei que tinha vocação para o magistério, apesar de todas as dificuldades profissionais e salariais que enfrentamos.

A melhor parte deste processo são as crianças. Quando vejo que tenho uma parcela de responsabilidade pelo seu aprendizado e sucesso, me sinto gratificada.

Apesar de tudo, da falta de melhorias dentro das escolas, da falta de respeito de muitos pela profissão e da baixa remuneração, procuro ser, cada vez mais, uma

profissional envolvida em minhas responsabilidades, reconstruindo e aprimorando minha prática pedagógica, com objetivo de acolher a todos os alunos, que por mim passarem, respeitando seus limites e estimulando-os nas descobertas e construção de seu conhecimento.

2 A OPORTUNIDADE DE RECOMEÇAR

Durante muitos anos o desejo de freqüentar uma faculdade ficou adormecido, pois muitos fatores dificultavam essa realização.

Mas com as mudanças da nova LDB, que previa que todos os professores teriam que ter o curso universitário, fez ressurgir esse desejo por cursar uma faculdade. No entanto, esbarrava em novas dificuldades, pois poucos professores tinham condições financeiras de se manter e pagar uma faculdade, outros não desejavam cursar por inúmeros motivos, os que puderam procuraram os cursos de Pedagogia e começaram a freqüentá-los.

Foram anos difíceis, pois a pressão por parte dos diretores e dos próprios colegas de trabalho que freqüentavam as faculdades era cada vez maior.

Eu ficava sempre imaginando como conseguiria completar os estudos, pois teria que me desdobrar trabalhando para poder pagar a faculdade e me manter.

O tempo passou e a oportunidade acabou surgindo com um acordo firmado entre a UNICAMP e o Governo do Estado de São Paulo, teria afinal a chance de prestar o processo seletivo e concorrer a uma vaga, e assim realizar o desejo de freqüentar uma faculdade.

O processo seletivo foi um momento muito difícil, que gerou uma ansiedade e uma responsabilidade muito grande, pois era uma oportunidade que não poderia deixar escapar.

Ser avaliada, sob qualquer circunstância e por qualquer motivo, sempre nos causa ansiedade e expectativas. Por mais preparados e por maior que seja nossa experiência, surge, em maior ou menor grau, uma certa insegurança.

Procurei disfarçar a ansiedade, lendo e tentando me atualizar sobre os autores e assuntos que estavam sendo mais discutidos no momento. Conversar com as colegas que já freqüentavam a faculdade também ajudou bastante.

Após uma prova bastante concorrida, fui aprovada, não posso negar a minha felicidade por ter passado e, ao mesmo tempo, um sentimento de tristeza pelas colegas que não conseguiram ser aprovadas.

Essa felicidade foi superada pela incerteza de como seria voltar a estudar, depois de tantos anos.

Recomeçar não seria fácil, a busca pelo conhecimento e por novas experiências iria exigir de mim uma dedicação muito grande, mas acreditei que esse esforço valeria a pena para minha realização profissional e pessoal.

3 A OPORTUNIDADE CONQUISTADA

Comecei a faculdade uma semana depois que minhas colegas, pois me acidentei na escola onde leciono e fiquei de licença médica por quinze dias, mas quando comecei as aulas, confesso, estava muito ansiosa, tudo era novidade, as matérias, os trabalhos que tínhamos que fazer e apresentar, tinha que me adequar às exigências da faculdade e das professoras, mas ao mesmo tempo observei que não estava sozinha, éramos um grupo de quarenta e três professoras com as mesmas dúvidas e anseios.

Nos primeiros dias de aula, as professoras prepararam dinâmicas em grupo, para que nós pudéssemos nos conhecer, trocar dúvidas e idéias e, principalmente criar um ambiente de troca e confiança.

Com o passar do tempo, pude ir percebendo que estávamos lá para resgatar e aprender novas coisas. A grande preocupação dos professores parecia ser com a parte teórica da nossa formação, pois como eles mesmos diziam: “a parte prática nós já tínhamos, pois éramos todas professoras que estavam no exercício da sua profissão”.

Nós, enquanto alunas, não compreendíamos muito bem o porque de tanta teoria, mas com o decorrer da nossa trajetória na faculdade, pude compreender a sua importância, pois é ela que nos dará respaldo na hora de justificar nossas atitudes.

A teoria é o alicerce que irá sustentar nossa caminhada, e cada momento vivido, servirá de base para novas experiências, a faculdade não encerra nosso aprendizado, pelo contrário, abre uma fase importante para o nosso crescimento interior.

Tenho certeza que com o final do curso, estarei mais preparada para enfrentar novos desafios, mais consciente das minhas atitudes e responsabilidades.

4 NOVAS MANEIRAS DE COMPREENDER ANTIGAS LIÇÕES

Durante os três anos de faculdade, todas as matérias que tivemos a oportunidade de estudar, me levaram a refletir sobre uma nova maneira de passar os conteúdos das matérias tradicionais, levando o aluno a participar de uma forma mais concreta do seu aprendizado.

Algumas matérias se preocuparam com o nosso conhecimento teórico, outras foram mais específicas como a de Educação de Zero a Seis Anos e por fim, matérias que estão tentando mudar a visão de ensino que temos.

É lógico que algumas matérias chamaram mais atenção que outras, mas de uma maneira geral todas conseguiram transmitir aquilo que pretendiam, e tenho certeza que isso foi conseguido através da dedicação das APs (Assistentes Pedagógicas).

Pretendo falar um pouco das matérias que mais me chamaram a atenção, e que mais contribuíram para as mudanças na minha visão como educadora e também, recordar como se deu esse aprendizado durante meus anos escolares.

Fui alfabetizada como a maioria das crianças, nas famosas “cartilhas”, as leituras, feitas em classe eram somente das lições que constavam na cartilha ou em folhas mimeografadas que reforçavam as lições aprendidas.

Ler e escrever era um ato mecânico, não havia ligação com a vida fora da escola, não havia contextualização e a maior preocupação do professor era de que o aluno cumprisse a estética, não tivesse erros ortográficos. A visão do aluno era irrelevante.

Nas aulas da Prof^a Ivanda, pude ver claramente que, esse modelo de alfabetização serviu para uma época, porém hoje é necessário que a criança

compreenda porque e quando se usa a língua escrita, os alunos devem conhecer e vivenciar a utilidade social da escrita.

O texto como discurso escrito, revela, registra e trabalha formas e normas do discurso social, ao mesmo tempo, instaura e amplia o espaço interdiscursivo na medida em que inclui outros interlocutores a outros lugares, de outros tempos – criando novas condições e novas possibilidades de troca de saberes convocando ouvintes/leitores a participarem como protagonistas no diálogo que se estabelece. (SMOLKA, 1996, p80.)

É baseada nesse pensamento que procuro trabalhar com meus alunos, levando-os a compreender a real utilidade da escrita.

As lembranças das aulas de Matemática quando cursava as séries iniciais do Ensino Fundamental são poucas, algumas coisas ficaram marcadas como: decorar a tabuada, numerais romanos, ordinais, frações, etc.

Não tive dificuldades para o aprendizado de Matemática, o que não quer dizer que compreendesse tudo. As aulas de Geometria aconteceram depois de entrar no ginásio.

O trabalho da nossa professora de Matemática foge completamente desse esquema, pois em primeiro lugar ela nos mostrou a importância de mexer com a emoção. Trabalhamos com argila, observamos frutas, flores, verduras e fizemos comparações de cores, odores, textura, sabor, tato, isso fez com que nós resgatássemos os sentimentos e as emoções.

Estudamos vários textos que mostraram a importância do trabalho com a Geometria, deixando que a criança explore todos os materiais possíveis para descobrir as formas e desenvolver seus conceitos, um desses textos dizia que:

Aspectos importantes do sentido espacial são as idéias e intuições sobre figuras bi e tridimensionais e suas características, a relação entre figuras e os efeitos que exercem os movimentos sobre as figuras. As crianças que desenvolvem um sentido sólido de relações espaciais, e que dominam conceitos e a linguagem da geometria, estão melhores preparados para aprender idéias numéricas e de medição, assim como outros temas avançados de matemática. (NCTM, 1991, p. 48)

Através do texto “Como o homem aprendeu a contar” (IFRAH,1998) pude constatar que, pela necessidade de sobrevivência o homem desenvolveu uma maneira de contar que em muitas situações é utilizada até hoje.

A Matemática não pode ficar restrita somente a contar e decorar, ela pode e deve ser ensinada de uma maneira prazerosa.

Ciências para mim, enquanto aluna, era muito complexo, achava que somente pessoas muito “inteligentes” poderiam compreendê-las, cientistas, então, eram “Deuses da Sabedoria”, pessoas totalmente geniais, com poder de conhecimento tão fantástico, que os colocava acima de questionamentos e dúvidas.

Estudávamos as partes das plantas, fotossíntese, animais vertebrados e invertebrados, saneamento básico, primeiros socorros e outras coisas mais. Tudo era na base da decoreba, totalmente desvinculada da nossa vivência.

E foi durante as aulas de Ciências, que a professora Mariana tentou desmistificar a imagem que temos dos cientistas e da matéria em si. Através do estudo de Ciências, devemos proporcionar aos nossos alunos a oportunidade de uma formação crítica sobre o mundo, e que essa formação possa levá-lo a compreender a natureza por meio da apropriação do conhecimento científico. Que observem problemas, reflitam, criem processos de intervenção, inventem e manipulem técnicas, que percebam que as descobertas científicas e suas aplicações tem sido a principal causa e domínio do homem sobre a natureza e sobre outros homens.

No dia-a-dia observamos pessoas desenvolvendo diversas profissões que prejudicam o meio ambiente, mas mesmo tendo consciência de seus atos eles não mudarão suas atitudes, pois existem os interesses econômicos sociais e políticos,

mesmo as pessoas que conseguem essas mudanças sofrem as conseqüências de tais atitudes.

Os acontecimentos não são fatos isolados, eles refletem diretamente nas pessoas que estão envolvidas e também afetam as populações que estão distantes, pois os problemas no meio ambiente, sócio-econômica e culturalmente, estão vinculados. Por isso precisamos estar atentos para sabermos a que interesse a Ciência está servindo.

Um ensino de Ciências que não impõe arbitrariamente à criança, os padrões lógicos do mundo adulto ou da própria Ciência, mas que procura harmonizar as formas de pensamento do aluno com o conhecimento científico de sua realidade. Um ensino de Ciência que não visa necessariamente a formação de futuros cientistas, mas que permita a assimilação, por parte do aluno, do modo científico de dialogar com o mundo e compreendê-lo, sem que, em decorrência, passe a subestimar ou considerar inúteis outras formas de conhecimento. Um ensino de Ciências que procure evitar que o estudante venha a carregar para o restante de sua vida um inútil almanaque de curiosidades científicas ou que venha a substituir o pensamento mágico pela mágica da Ciência. (AMARAL, 1988, p. 6)

Geografia para mim era decorar nomes de Estados e capitais do Brasil, pintar montanhas e morros, ilhas e depressões, sem entender realmente o que significavam. Não tínhamos muito contato com mapas, lembro-me de dois mapas de plástico, um do Brasil e um de São Paulo, nós contornávamos e depois tínhamos que dividir os Estados, colocar os principais rios, etc.

Foi através das aulas de Geografia, que pude mudar a visão que possuía sobre a matéria, e como podemos desenvolver um trabalho de qualidade explorando o meio social onde a criança está inserida, o trabalho com mapas e escalas deve ser desenvolvido aproveitando um espaço que seja significativo para a criança.

Estar alfabetizado em geografia significa relacionar espaço com natureza, espaço com sociedade, isto é, perceber os aspectos econômicos, políticos e culturais, entre outros, do mundo em que vivemos. Ler e escrever geografia é ler o mundo de maneira que o aluno saiba situar-se (e não só localizar-se e descrever) e posicionar-se. Que assuma um posicionamento crítico com relação às desigualdades sócio espaciais. (KAERCHER, 1998 p. 108.)

As aulas de História quando eu estava no Ensino Fundamental, eram, basicamente, copiar os pontos colocados na lousa, responder questões feitas pela professora, chamada oral, provas, tudo devidamente preparado para que memorizássemos as datas, os heróis e os fatos mais relevantes.

Ainda bem que hoje em dia, houve uma mudança na visão do ensino de História e os professores estão preocupados com a construção, em primeiro lugar da história de cada aluno, por isso a importância do ensino de História nas séries iniciais, pois a criança precisa ser inserida num contexto social, onde ela faça parte, se situe historicamente, buscando com isso o crescimento intelectual, social e afetivo onde possa desenvolver o sentimento de pertencer.

Partindo assim da nossa história para um contexto mais amplo, e quem sabe para a construção de uma história crítica onde possamos ser sujeitos dessa história.

Uma das atividades iniciais da escola, no ensino da história é a recuperação da história da família do aluno e a construção de sua própria história, iniciada através do conhecimento das relações familiares, e da sua posição no grupo familiar. (ABUD e ZAMBONI, 1992,p. 11.)

Minhas aulas de Artes consistiam na maioria das vezes, em desenhos, pinturas em cerâmicas, bordados, não tínhamos a Arte como forma de nos expressarmos livremente, até hoje tenho dificuldades com desenho, gosto de pintar, bordar, e outros trabalhos manuais, mas, com certeza, não foram as aulas de Artes que despertaram essas habilidades.

Quando iniciamos as aulas de Artes na faculdade, fiquei imaginando que tipo de trabalhos teria que desenvolver, mas com o decorrer das aulas a professora foi

trazendo uma nova maneira de ensinar Artes, as dificuldades para se expressar foram aos poucos se desfazendo, e os talentos foram aparecendo. Algumas possuem talento para a música, outras para a dança, teatro, pintura, cada uma do seu jeito. As apresentações foram realmente marcantes e serviram muito para o enriquecimento pessoal e do grupo.

Através do estudo de Artes, podemos contribuir para que as crianças tenham um conhecimento maior do seu corpo, e através desse conhecimento possam se conscientizar da importância dos cuidados com ele.

Hoje em dia a sexualidade está muito presente nas salas de aula. A mídia reforça demais essa temática e faz surgir novas necessidades dentro da prática. Mesmo as crianças menores dão grande destaque ao erotismo, evidenciado na forma de se vestir, no jeito de falar e se comportar, no corte dos cabelos, nas brincadeiras e danças, cópias fiéis de programas de TV e grupos musicais. Meninas magras e meninos “sarados”. Quem foge a esses padrões, sofre conseqüências que variam de apelidos à exclusão social.

A Educação Sexual na escola deve ser um tema que assuma uma postura educativa e preventiva. Pois a cada ano, o número de gravidez indesejada aumenta, principalmente entre os adolescentes, gerando problemas sociais. O planejamento familiar deve ser considerado como prioridade absoluta em saúde pública, não é justo que por falta de educação e acesso a métodos eficazes de contracepção, cada vez mais jovens engravidem sem condições para manter essas crianças.

Precisamos, urgentemente, de uma política educacional e de saúde pública que atinja as classes menos favorecidas.

As matérias descritas fazem parte do currículo tradicional adotado pela maioria das nossas escolas, acredito que a proposta do curso é que fizéssemos uma análise crítica de nossa prática e vivência, à luz das recentes contribuições teóricas.

No decorrer dos semestres outras matérias foram desenvolvidas, essas para resgatar um pouco da História da Educação no mundo e no Brasil, como se deram as grandes mudanças na nossa escola, como caminhamos através do tempo para chegar até aqui. Enfim todas essas matérias contribuíram e vão continuar contribuindo, para ampliar os nossos conhecimentos.

5 EDUCAÇÃO INFANTIL: A PAIXÃO CONTINUA

Antes de contar um pouco da minha trajetória na Educação Infantil, gostaria de fazer um breve relato de como se deu o processo de criação e quais foram às necessidades que levaram a originar esse nível de Educação.

Segundo Miriam Abramovay e Sonia Kramer (1987, p.3,4), a pré-escola surgiu por uma necessidade das transformações sociais, econômicas e políticas que ocorreram na Europa, especialmente na França e Inglaterra, a partir do séc. XVIII.

As primeiras creches surgiram com caráter assistencialista, tentando afastar as crianças pobres do trabalho servil, além de servirem como guardiãs de crianças órfãs e filhos de trabalhadores. A pré-escola tinha como função a guarda das crianças.

Já no séc. XIX, a pré-escola ganha uma nova função, mais relacionada com a idéia de “Educação” do que de assistência. Surgem os “Jardins de infância”

criados por Froebel, nas favelas alemães; por Montessori nas favelas italianas; por Reabody, nas americanas.

A principal função dessa pré-escola era a de compensar as deficiências das crianças (miséria, pobreza, negligência familiar). Mas foi somente após a II Guerra Mundial, na Europa e Estados Unidos que a pré-escola, surge com função compensatória. Sofre influências das teorias do desenvolvimento infantil e da psicanálise, dos estudos lingüísticos e antropológicos, e aliados a pesquisa que procuravam relacionar a linguagem e pensamento ao rendimento escolar, elaboraram a abordagem da privação cultural.

Assim fortaleceu-se a crença da pré-escola capaz de suprir as “carências”, “deficiências culturais” e afetivas das crianças de classes populares. Assim a pré-escola com função preparatória, resolveria o problema do fracasso escolar que atingia principalmente as crianças negras e filhas de imigrantes, naqueles países.

É com essas concepções de pré-escola e função da mesma, que na década de 70 chega ao nosso país, a Educação Infantil e que com o decorrer dos anos foi se ampliando os questionamentos dos programas compensatórios, foi se estabelecendo um consenso que tal Educação não presta benefício efetivo às crianças das classes populares e sim servem para discriminá-los e marginalizá-las.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil de 1998, traçam-se alguns objetivos gerais como: desenvolver na criança uma imagem positiva de si, desenvolver e reconhecer seu próprio corpo, estabelecer vínculo afetivo e de troca com adultos e crianças, ampliar suas relações sociais, observar e explorar o ambiente com atitude de curiosidade, brincar, expressar emoções, sentimentos, pensamentos e desejos, utilizar diferentes linguagens, conhecer algumas manifestações culturais, valorizar a diversidade.

Devemos defender uma pré-escola de qualidade que tem muito mais do que simples “objetivos em si mesma”, e cuja função pedagógica confere ao trabalho nela desenvolvida uma importância maior do que a de ser mero depósito. Quando cursei o magistério, no último ano era feita uma especialização para trabalhar com Educação Infantil e sempre me identifiquei mais com essa faixa etária (de 0 a 6 anos).

A oportunidade de trabalhar com a Educação Infantil surgiu alguns anos depois com o meu ingresso na Rede Municipal de Itatiba. Os primeiros anos não foram fáceis, pois aconteceram muitas mudanças na Educação no município nessa época.

O então, Secretário da Educação, da época, visando uma modernização no currículo da Educação Infantil implantou em nossa cidade o PROEPRE (Programa de Educação Pré Escolar) foi uma mudança radical e a maneira como foi implantado ficou marcado em minha memória.

Participamos do curso que teve 240 horas, muitos dias eram em período integral, nessa época eu estava grávida da minha filha e confesso não foi fácil conciliar os estudos com o cansaço e o mal estar da gravidez, mas como tudo em nossas vidas é transitório, isso também passou e ficaram as lembranças daqueles momentos.

Muitas professoras não gostaram da nova proposta de trabalho que era inspirada nas teorias de Piaget, criou-se um mal estar entre as que apoiavam as mudanças e as que não concordavam.

Eu estava começando a lecionar e as mudanças me pareciam interessantes, lógico que toda mudança requer disposição para estudar e compreender novas propostas.

Entretanto, tantas mudanças repentinas causaram muita insegurança, quando retornamos para a sala de aula e tivemos que por em prática tudo aquilo que aprendemos foi muito complicado, mas aos poucos fomos superando e vendo que realmente funcionavam, muito do que aprendemos não praticamos mais hoje, mas a base é a mesma, então quando começamos a estudar Psicologia da Educação na faculdade, pude lembrar e resgatar muito do que já havíamos estudado sobre Piaget. Uma das coisas mais importante que vimos na obra dele e que serve para nos ajudar a compreender o desenvolvimento das crianças são os “Estágios de Desenvolvimento Cognitivo”.

O conceito principal da epistemologia genética é o egocentrismo, que explica o caráter mágico e pré-lógico do raciocínio infantil. Com o desenvolvimento do pensamento e o domínio da lógica a criança vai deixando gradualmente o egocentrismo. Assim adquire a noção de responsabilidade individual, que é parte fundamental para sua autonomia moral.

Há quatro estágios básicos do desenvolvimento cognitivo. O primeiro estágio sensorio-motor, que vai até os dois anos. Nessa fase, as crianças adquirem a capacidade de administrar seus reflexos básicos para que gerem ações prazerosas ou vantajosas.

É um período anterior à linguagem, no qual o bebê desenvolve a percepção de si mesmo e dos objetos a sua volta.

O estágio pré-operacional vai dos 2 aos 7 anos e se caracteriza pelo surgimento da capacidade de dominar a linguagem e a representação do mundo por meio de símbolos. A criança continua egocêntrica e ainda não é capaz, moralmente, de se colocar no lugar de outra pessoa.

O estágio das operações concretas, dos 7 aos 11 anos, tem como marca a aquisição da noção de reversibilidade das ações. Surge a lógica nos processos mentais e a habilidade de discriminar os objetos por similaridade e diferenças. A criança já pode dominar conceitos de tempo e número.

Por volta dos 12 anos começa o estágio das operações formais. Essa fase marca a entrada na idade adulta, em termos cognitivos. O adolescente passa a ter o domínio do pensamento lógico e dedutivo, o que o habilita à experimentação mental. Isso implica, entre outras coisas, relacionar conceitos abstratos e raciocinar sobre hipóteses. (PIAGET, 1978, p. 56-57)

As fases do desenvolvimento segundo Piaget e descritas acima, servem para entender que muitas vezes, nós professoras, não respeitamos esse desenvolvimento e cobramos das crianças atitudes e respostas que elas não estão ainda prontas para nos dar e acabamos não dando oportunidades para que desenvolvam suas habilidades naturalmente.

Durante o curso de Pedagogia pude ampliar a visão que tinha sobre as matérias, como já descrevi no capítulo anterior, mas essa visão diferente fez com que eu mudasse a maneira de trabalhar muitos temas com as crianças, ampliando e diversificando esse trabalho através de materiais diversos e de outras formas de trabalhar o mesmo conteúdo.

Aos poucos fui incorporando em minhas aulas, leituras diversificadas, mapas, histórias em quadrinhos, experiências com diversos materiais, como: argila, flores, frutas, verduras, coisas que fazem parte do nosso cotidiano que é tão rico e tão pouco explorado.

Essa mudança tem proporcionado um maior interesse pelas crianças em estudar e explorar o novo. É de certa forma uma maneira mais prazerosa de aprender.

Acredito que o objetivo da Educação é criar pessoas capazes de fazer algo novo, e não repetir o que já vem sendo feito há anos e anos. Temos que desenvolver na criança a capacidade pessoal para criticar, resistir, entender o que já foi comprovado e o que não está ainda. Precisamos de alunos ativos que busquem descobrir desde cedo por sua própria conta, através de atividades espontâneas e através também de material que lhe proporcionamos.

Entretanto, nós como educadores, temos a obrigação de despertar e ajudar a criança a descobrir o seu papel, não só na aprendizagem escolar, mas o seu papel

na sociedade em que está inserida. Sei que só os estudos sobre Piaget não bastam, precisamos estar sempre atentos as mudanças, às novas concepções de educação, para um constante aperfeiçoamento e principalmente não ter medo de mudanças, pois ficamos sempre felizes com os acertos, mas crescemos, nos superamos, e aprendemos muito mais com nossos erros.

6 EDUCAÇÃO INCLUSIVA: UM NOVO DESAFIO.

Aqui vou falar em particular da Educação Infantil, pois é a área em que trabalho e que vem há alguns anos enfrentando um novo desafio, que é a inclusão de crianças portadoras de necessidades especiais.

O desafio da inclusão não é só o de preparar uma escola fisicamente para receber um aluno com necessidades especiais, mas principalmente mudar a visão das pessoas que irão trabalhar e se relacionar com essa criança, pois todos nós temos atitudes, valores, crenças e expectativas que irão refletir nesse trabalho.

A comunidade em que vivemos não está organizada para pessoas que não possuem um padrão típico de desenvolvimento, e por conseguinte a escola também não está preparada para o deficiente, que necessita de recursos especiais para que toda a sua potencialidade seja explorada.

A criança deficiente tem que contar com oportunidades iguais e precisa, também, de condições diferenciadas de desenvolvimento, para ter acesso aos mesmos direitos que qualquer cidadão.

O destino de uma criança deficiente não pode ser traçado pelo seu déficit, ela tem direito de receber uma Educação de qualidade, cuidados especiais e vivenciar experiências que lhe darão oportunidades de escolher qual caminho seguir.

Sempre achamos que a escola e seus profissionais não estão preparados para receber crianças portadoras de necessidades especiais, isso realmente é verdade, mas cada nova criança deficiente que chega até nós, faz a escola se adequar, batalhando por recursos para suprir as necessidades dessa criança.

A experiência de trabalhar com crianças deficientes é muito gratificante apesar das dificuldades enfrentadas. Em minha trajetória de professora já trabalhei com duas crianças portadoras de necessidades especiais, Tainá que é deficiente visual e Camila que tem paralisia cerebral, e atualmente trabalho com Hugo que tem baixa visão ocasionada pela toxoplasmose congênita.

Quando soube que em minha classe de Infantil II estava matriculada uma criança com deficiência visual (cega), confesso que não foi fácil assimilar a idéia, pois eu não tinha a mínima idéia de como trabalhar com uma criança portadora de tal deficiência, a diretora procurou me acalmar esclarecendo que ela freqüentaria as aulas mais para uma socialização.

Quando conheci a Tainá percebi de imediato todo o carisma que ela possuía, ela conseguia encantar a todos com sua alegria e espontaneidade, mas o trabalho de relacionamento com os amigos não foi tão fácil, pois ela tinha necessidade de pegar em tudo para poder sentir e nessa idade (a classe era na faixa de 5 anos) as crianças não gostam muito de dividir seus pertences, mas aos poucos conversando e explicando para as crianças, as necessidades da Tainá o convívio foi ficando mais fácil. Ela tinha dificuldades para cumprir as regras e muitas vezes tive que impor limites aos quais ela não estava acostumada. As pessoas que trabalhavam na escola costumavam ficar penalizadas com a situação, mas aos poucos fui esclarecendo que a Tainá não precisava em momento algum de pena e sim de pessoas que a ajudassem a desenvolver suas potencialidades.

Durante o ano em que ela ficou em minha classe eu participei de encontros no CEPRE, onde a Tainá fazia acompanhamento. Esses encontros foram muito úteis para poder compreender e tentar realizar um trabalho mais eficiente. Tainá está hoje na 4ª série, escreve e lê pelo método Braille, está integrada a sua escola e é aparentemente uma criança feliz, sabe de suas limitações, mas principalmente de seu potencial. Eu e as crianças daquela classe aprendemos muito com ela, a não desistir, a lutar, e principalmente a acreditar que o ser humano tem uma capacidade fantástica de se superar.

Camila veio para a minha classe por escolha da fisioterapeuta, pois ela era muito tímida e os especialistas acreditavam que precisaria de uma professora bem comunicativa, então eu fui a escolhida.

Camila era meiga e muito risonha, ela foi muito bem aceita pelo grupo e todos queriam ajudá-la, muitas vezes precisei interferir, pois as crianças queriam fazer tudo por ela, não deixando que realizasse coisas que era capaz. Ela possuía limitações físicas em decorrência da paralisia cerebral, eu a auxiliava a andar, pois isso ela não conseguia fazer sozinha, nas atividades em classe ela participava de tudo, lógico que de acordo com suas limitações. A maior diferença que senti entre a Tainá e a Camila foi a da pouca orientação que recebi para trabalhar com ela.

Hoje Camila também está freqüentando a 3ª série, vem se desenvolvendo bem e está andando com o andador, o que é uma grande vitória. A lembrança mais marcante que tenho da Camila foi uma apresentação que fizemos no dia das mães, onde ela cantou junto com seus amigos, a sua felicidade ficou registrada para sempre em minha memória.

Esse ano tenho mais um desafio o Hugo, que é uma criança muito esperta, alegre, inteligente, a sua deficiência não impede que ele realize nenhuma das

atividades propostas, a maior diferença entre os outros casos é que hoje percebo a preocupação da Secretaria da Educação de Itatiba, em dar condições para que se trabalhe com essas crianças. O Hugo é atendido no Instituto Luiz Braille, em Jundiaí, por intermédio de um convênio da Secretaria da Educação e do referido Instituto. É feito um acompanhamento periódico, onde recebo informações e orientações de como desenvolver um trabalho mais direcionado às suas necessidades, essas orientações me são passadas através de uma psicopedagoga que vem fazer o acompanhamento na escola. Toda essa orientação facilita o trabalho a ser desenvolvido e me dá mais segurança ao desenvolver as atividades com ele. O trabalho com o Hugo está apenas começando, tenho um longo ano pela frente, mas uma certeza já tenho, que no final dessa caminhada a minha prática profissional estará muito mais enriquecida.

É preciso estar convencido de que toda criança pode aprender quaisquer que sejam suas características sociais, culturais ou psicológicas e quaisquer que sejam suas dificuldades; estar determinado a fazer tudo para provar isso, a si mesmo, às crianças e a seus pais o que acaba por criar novas relações sociais e interindividuais na escola e em torno dela. É preciso, antes de tudo, que os professores dispostos a enfrentar o desafio consigam mudar de atitude em relação aos aprendizes, isto é, às crianças que estão construindo aprendizagens, às crianças cujo pensamento em formação é digno de atenção. (HARDY, 2004, p. 25)

Todas as transformações por que passou e continua a passar a Educação Infantil fazem parte das mudanças educacionais, que sem dúvida visam sua melhoria.

São por todos esses desafios que continuo apaixonada pela Educação Infantil, as crianças não deixam que paremos no tempo, pois elas estão sempre atentas a tudo de novo que ocorre ao seu redor, são elas que fazem com que eu busque sempre novos caminhos, estude, me atualize, faça mudanças e principalmente me realize profissionalmente.

CONCLUSÃO

Ser professor é o mais impossível e o mais necessário de todos os ofícios. Ser professor implica um corpo-a-corpo permanente com a vida dos outros e com a própria vida. Implica um esforço diário de reflexão e de partilha. Ninguém é professor sozinho, isolado. A formação exige partilha. A atividade docente necessita de dispositivos de acompanhamento. (NÓVOA, 2003, p13.)

Em um passado recente o professor tinha uma imagem social respeitada, pois detinha as chaves da mobilidade social e o prestígio do saber. Hoje, há meios mais eficazes de promoção na sociedade, e o saber expandiu-se um pouco por toda parte. Os professores ressentiram-se dessa dupla perda e têm dificuldade em reconstruir uma nova identidade profissional. Com as mudanças na escola brasileira, nas condições de vida e de trabalho do professor, bem como nas relações escola-sociedade. Cria-se assim um dilema: ser ou não ser professor? Continuar no magistério ou buscar outra profissão?

Acabamos refletindo entre o gosto pelo magistério, as alegrias que encontramos no exercício da nossa função, os anos dedicados à profissão, a remuneração que de alguma forma, garante a nossa sobrevivência e por outro lado os fatores desestimulantes: a falta de reconhecimento de nosso trabalho por parte dos dirigentes dos Sistemas de Educação, dos pais dos alunos, da sobrecarga de trabalho, das exigências crescentes frente a condições mínimas que são garantidas, a falta de clareza do nosso papel.

Precisamos de uma reformulação das Políticas Públicas, de valorização efetiva da Educação escolar e dos seus profissionais.

O que nos desanima não é a carga de trabalho, mas sim a falta de sentido, falta de retorno do mesmo.

Precisamos de uma tomada de posição para nos capacitar e enfrentar os desafios da realidade. Devemos lutar pelos nossos ideais de professor, cobrar das

entidades que representam nossa profissão, a busca por melhores condições de trabalho e dignidade. É através da busca de competência que o professor pode enfrentar os dilemas profissionais, buscar espaços de autonomia relativa e exercer sua tarefa social. A competência se constrói na prática diária, na troca de experiências, nos desafios. Tudo isso com certeza irá refletir positivamente na sala de aula e também na vida dos alunos e professores.

Confesso que no início, não gostei muito da idéia. Escrever sobre memórias. E sobre memórias que estavam guardadas, praticamente esquecidas no arquivo das minhas lembranças. Mas não tenho como fugir. As lembranças estão enraizadas em minha vida, soam experiências únicas, que nos fazem rir, chorar, pensar quanta influência tiveram em nossa vida, quanto sofrimento ou alegria e de qualquer maneira, nos ajudam a traçar um perfil de nossa trajetória, fazendo um elo com o que somos hoje.

Tudo o que aprendemos me ajudou a preencher as lacunas que não dá para se preencher somente com a prática do dia-a-dia.

No começo, voltar a estudar foi um desafio, mas com o tempo passei a olhar, para determinadas situações, com diferentes perspectivas.

A minha vida como estudante não se encerra com o término da faculdade, pretendo, sempre que possível, continuar minha carreira de estudante, pois só assim poderei colher resultados positivos e cada vez mais, me tornar uma verdadeira educadora.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam e KRAMER, Sonia. **O Rei está nu: um debate sobre as funções da pré-escola**, Cadernos CEDES nº 9, pp-3, 4, Cortez Editora, São Paulo, 1987.

ABUD, Kátia Maria e ZAMBONI, Ernesta. Secretaria da Educação do Estado de São Paulo – CENP. **Proposta curricular para o ensino de História (1º grau) do Estado de São Paulo**. São Paulo: Imprensa Oficial, 1992 p. 11 (Introdução).

AMARAL, Ivan A. do. O ensino de Ciências e o desafio do fracasso escolar. In: SANFELICE, J. L. (org.). **A universidade e o ensino de 1º e 2º graus**. Campinas: Papyrus, 1988.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

HARDY, Marianne. Entrevista. **Revista Pátio**, ano VIII, n. 30, maio/jun/jul. 2004, p. 24-27.

IFRAH, G. **Os números, a história de uma grande invenção**. São Paulo: Globo, 1998.

KAERCHER, Nestor André. **Desafios e utopias no ensino de Geografia**. 2ª ed., Santa Cruz do Sul: Ed. da Unisc, 1998, p.108

NCTM. Normas para o Ensino e Avaliação em Matemática 1991, p. 48

NÓVOA, Antonio. Alguns dilemas do professor no contexto de complexidade. **Revista Pátio**, ano VII, nº 27, pp.13, ago/out-2003.

PIAGET, Jean. Problemas de psicologia genética. **Série: Os grandes Pensadores**. São Paulo: Victor Civita, 1978, p. 55-57.

SMOLKA, Ana Luiza B. **A criança na fase inicial da escrita: alfabetização no processo discursivo**. São Paulo: Cortez, 1996.